

**LINGUAGEM, DIALOGISMO E SUBJETIVIDADE: A RELAÇÃO EU/OUTRO
NA INTERAÇÃO
ENTRE FAMÍLIA E UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA**

Fernanda Dias-Schütz¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar algumas considerações teórico-metodológicas e resultados de uma pesquisa² que busca analisar as relações entre o discurso dos pais sobre e dirigido a uma criança com deficiência e o favorecimento da instauração de tal criança na linguagem. O estudo da interação das vozes nos diálogos da díade mãe e filho oportuniza subsídios para investigar como o discurso do adulto aparece na manifestação clínica de linguagem da criança selecionada, indicando como ele se marca no enunciado infantil. Trata-se de reflexões de um trabalho que compreende a interação das vozes dos enunciados maternos no processo de instauração de uma criança com síndrome de Down na linguagem. Tal estudo analisa as relações entre o discurso infantil e de seus pais a partir dos pressupostos da Teoria Dialógica (BAKHTIN, 1976, 1993, 2009, 2010), complementada pelas considerações da Fonoaudiologia com as especificidades clínicas da primeira infância, bem como aspectos relevantes da história da pessoa com deficiência.

Palavras-chave: teoria dialógica, linguagem da criança com deficiência, relação eu/outro

¹ Fonoaudióloga da FADERS, Clínica Desenvolver e mestre em linguística pela PUCRS. E-mail: nani.dias@ig.com.br

² A discussão desse artigo é um recorte da dissertação filiada ao projeto de pesquisa Vozes em (Dis)curso: estudo da produção de sentidos, cujo grupo de pesquisa é coordenado pela Dra. Maria da Glória Di Fanti (2010).

Introdução

O problema de pesquisa discutido nesse artigo exige uma multiplicidade de olhares, por isso é atravessado por diferentes disciplinas. Apesar da necessidade de recorrer a discussões teóricas diversas, os questionamentos iniciais do estudo primam por uma perspectiva que concebe a criança com deficiência como sujeito. Tais reflexões partem da experiência clínica na fonoaudiologia com pessoas com deficiência (PcD)³, lugar de onde são formuladas as primeiras perguntas acerca da natureza da manifestação clínica de linguagem. A partir de diferentes vivências clínicas, desenvolveu-se um entendimento da linguagem na relação com o outro e na perspectiva da subjetividade.

A atuação fonoaudiológica com as PcD precisa considerar que um diagnóstico pode levar a diferentes imagens de locutor. A palavra deficiência carrega historicamente sentidos que evocam desde a ideia de disfuncionalidade, de linguagem falha até a necessidade de inclusão social e as tentativas de situar a pessoa com deficiência como protagonista na busca por seus direitos. Logo, a maneira como o sujeito é percebido por seus interlocutores poderá influenciar no modo como lhe dirigem a palavra.

A linguagem do sujeito em tratamento possui particularidades passíveis de diversos tipos de interpretações teóricas. O discurso que demanda um olhar terapêutico é comumente tomado como desvio, algo que se encontra fora do padrão e precisa ser corrigido. Muitas teorias classificam a linguagem em etapas ou tipos de “alterações”, por vezes esquecendo o singular que se manifesta na fala do sujeito. Assim, é necessário ultrapassar uma perspectiva que se limite ao organismo, sem, contudo, ignorá-lo. A linguagem viva deve ser estudada na relação com o outro e de forma singular.

³ Optou-se por utilizar o termo “Pessoas com deficiência” (PcD) que, segundo a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2008), são aquelas que têm impedimentos físicos, intelectuais ou sensoriais que, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade com as demais pessoas.

As questões pertinentes à natureza da manifestação clínica de linguagem podem ser observadas desde muito cedo na clínica com crianças pequenas. Os estudos da clínica da primeira infância consideram, entre outras questões, as peculiaridades da linguagem, considerando a interação da criança com os familiares. De modo geral, podemos entender que um bebê saudável irá satisfazer sua mãe, que se voltará a cuidar dele. Todavia, quando a criança possui alguma desordem do desenvolvimento, podem ocorrer problemas: os pais recebem, ao invés daquele bebê sonhado e idealizado, uma criança diferente. Segundo Reynoso et al. (1980), tal contexto pode gerar uma frustração familiar, tendo em vista o nascimento de um filho tão distante daquele ideal. A cena inicial da vida de uma criança com deficiência leva à discussão de qual lugar de locutor o discurso parental consegue sustentar para um bebê diferente do esperado.

A reflexão sobre a manifestação clínica de linguagem aponta para algumas lacunas dentro dos estudos fonoaudiológicos. Alguns desses questionamentos começam a ser discutidos pelos estudos da enunciação, perspectiva que apresenta a possibilidade de olhar para o enunciado de modo único e em constante interação. A necessidade de uma abordagem teórica que conceba o aspecto particular do enunciado e o papel estruturante do interlocutor remete à teoria dialógica do Círculo de Bakhtin. Assim, a teoria proporciona subsídios para o presente estudo, cujo principal conceito refere-se à singularidade do discurso. Segundo Bakhtin (2010), o sujeito se marca em seu discurso de forma única, por isso o enunciado não pode ser reduzido a uma abstração. A concepção bakhtiniana de linguagem mostra elementos relevantes para a reflexão sobre a clínica fonoaudiológica da pessoa com deficiência, possibilitando identificar aspectos que interferem na manifestação clínica de linguagem do sujeito.

Um dos pontos a ser discutido diz respeito à noção bakhtiniana de *responsividade* (2010). Tendo em vista a concepção de um diálogo vivo, em que a dinamicidade do enunciado comporta uma imensidão de palavras alheias, Bakhtin instaura a enunciação como interação e resposta. A própria compreensão do discurso é responsiva, uma vez que nos posicionamos valorativamente frente a outras vozes. Outra questão relevante à pesquisa refere-se à relação eu/outro na linguagem, que aponta o enunciado como fruto da interação entre quem enuncia e seu interlocutor, de acordo com Bakhtin (Volochínov) (2009). Tais questões permitem discutir como as vozes do discurso familiar manifestam-se ao falar *sobre* e *com* a criança com deficiência.

A pesquisa cujo recorte será apresentado nesse artigo é caracterizada metodologicamente por uma proposta qualitativa, tratando-se de um estudo de caso de uma criança atendida pelo serviço de fonoaudiologia da Unidade de Saúde (CADEP) da FADERS⁴ e seus familiares (mãe e irmã). O sujeito é um menino de cinco anos, Artur⁵ que nasceu com Síndrome de Down. A opção por abordar a questão da deficiência deve-se ao impacto que ela gera no nascimento da criança, levando a particularidades que merecem ser discutidas.

Reflexões sobre a história da pessoa com deficiência

A discussão inicial do presente artigo dialoga com fronteiras que abastecem nosso objeto de estudo: a relação eu/outro na interação entre uma criança com deficiência e sua família. Para tanto, faz-se necessário levantar questões sobre a história da pessoa com deficiência, sobre as diferentes concepções de manifestação clínica de linguagem e sobre a fonoaudiologia que trata da primeira infância, para enfim encaminhar a discussão, no segundo momento da revisão teórica, sobre os estudos enunciativos, especialmente os bakhtinianos.

As considerações sobre linguagem que demanda um olhar clínico podem receber contribuições essenciais do resgate de diferentes perspectivas em que a questão da deficiência foi tratada em seu percurso histórico, tendo em vista que o discurso é sempre construído no social. Tal reflexão possibilita ao fonoaudiólogo pesquisar as marcas que a deficiência carrega no decorrer de sua história. A própria palavra “deficiência” abrange diferentes memórias, porém a primeira impressão frequentemente sugere a ideia de incapacidade, de algo fora do padrão. Embora o atual panorama apresente tentativas de integração social e igualdade de direitos, a imagem anterior de desvalia de pessoa com deficiência (PcD) ainda não parece superada.

⁴ Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e Pessoas com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul.

⁵ O nome foi trocado para preservar a identidade da criança, assim como dos demais participantes.

Desde a pré-história a pessoa com deficiência sofria com a exclusão social, de acordo com Gugel (s/d). Qualquer componente do grupo que apresentasse alguma limitação ao ambiente hostil era abandonado. Na Grécia e em Roma, as PcD eram eliminadas, diferentemente do contexto do Egito Antigo, que não diferenciava os integrantes dos grupos sociais. Já na idade média, segundo a autora, a deficiência era entendida como um castigo divino. As crianças eram, com bastante frequência, separadas de suas famílias e vistas como “bruxos” ou ridicularizadas.

O nascimento de novas ideias quanto à deficiência acontece com a idade moderna. Gugel (ibid.) relata a criação de métodos de ensino para surdos e o aperfeiçoamento de métodos cirúrgicos para ferimentos de guerra e amputações entre 1500 e 1600. Até o século XVII, entre a população de pessoas com deficiência predominavam minorias e pedintes, embora também tenham se destacado poetas, físicos, matemáticos e astrônomos com deficiência. Outro acontecimento importante foi, em torno de 1800, o aperfeiçoamento por Luis Braille do sistema utilizado por pessoas cegas, o método Braille. O atendimento especializado para as pessoas com deficiência surgiu somente no século XIX, inclusive no Brasil.

A partir do século XX, cada vez mais avanços surgiram, segundo Gugel (ibid.), no que se refere às ajudas técnicas ou tecnologias assistivas. Muitos congressos e seminários abordaram a temática da deficiência e diversas instituições, pesquisas e organizações foram criadas para auxiliar os problemas de integração social dos sujeitos. Na última década surgiram diversas iniciativas em todo o mundo para buscar um novo lugar para a pessoa com deficiência, incluindo declarações e convenções, como a dos Direitos da Pessoa com Deficiência, em 2006 (aprovada no Brasil em 2008). O cenário brasileiro também oscila entre uma concepção de assistencialismo, de confinamento e tentativas de garantia de direitos e resgate da identidade pela própria pessoa com deficiência (JÚNIOR E MARTINS, 2010). Além disso, o Brasil tem aperfeiçoado as políticas voltadas para as pessoas com deficiências nos últimos anos, ainda que a PcD precise lutar por seu espaço no âmbito social.

Diálogos entre a clínica fonoaudiológica e os estudos da enunciação

Seguindo a linha dos aspectos sociais e políticos da pessoa com deficiência, a linguagem também foi objeto de discussão no decorrer da história da pessoa com deficiência. Os distintos olhares acerca da manifestação clínica de linguagem interessam ao fonoaudiólogo que se preocupa com as imagens constituídas sobre o discurso da pessoa com deficiência. Na presente discussão, são mencionadas três abordagens teóricas que julgamos relevantes para a presente pesquisa: perspectiva médica, cognitivista e do sujeito de linguagem.

A primeira tendência, mais organicista, acompanha a fonoaudiologia desde o início da sua história. Os profissionais devem atuar com os “distúrbios” ou “patologias” da comunicação humana, questão que sugere o caráter “falho” da linguagem que demanda tratamento. A percepção do dizer que precisa ser corrigido também aparece na lei de 1981, que regulamenta a profissão de fonoaudiólogo, no trecho que remete ao “aperfeiçoamento dos padrões da fala e da voz” (p.1). Surreaux (2008) pontua que a linguagem do sujeito em tratamento mantém-se relacionada à patologia, perspectiva que não basta ao trabalho fonoaudiológico.

A segunda concepção aborda, brevemente, os estudos cognitivistas sobre a manifestação clínica de linguagem. Para tal abordagem, o surgimento do simbolismo depende da evolução intelectual sensório motora pré-verbal, condicionando a evolução dos estágios cognitivos ao “desenvolvimento” da linguagem (PIAGET, 1970). Silva (2007, 2009) aponta, no entanto, para a ideia de regularidade dos estágios e a transposição da mesma generalidade para o campo da linguagem na perspectiva em questão. Ao discutir a linguagem, a ideia de parâmetro de normalidade termina por remeter à ideia de distúrbio a tudo que sai do padrão esperado.

A última abordagem busca ultrapassar a restrição ao orgânico e às classificações da manifestação clínica de linguagem. Cesa (2007) sugere um fazer clínico que proponha uma investigação das possibilidades da criança e não somente suas limitações, proporcionando ao sujeito um lugar ativo no diálogo. Da mesma forma, Ziembowicz (2007) sugere uma concepção clínica de linguagem como atividade, partindo da interação para produzir significados na cena de atendimento fonoaudiológico. Uma

fonaudiologia que escuta a perspectiva histórica e social do sujeito em tratamento consegue ultrapassar a imagem de desvio relacionada ao dizer do sujeito, passando a ver seu discurso como possibilidade e não apenas como falha a ser corrigida.

Ao compreender o dizer do sujeito com deficiência a partir de um cenário histórico-social, é preciso resgatar sua história desde o nascimento. A cena da chegada de um bebê com deficiência merece algumas breves considerações a partir da clínica da primeira infância, lembrando que o nascimento de uma criança diferente daquela esperada pode ocasionar uma série de questões que envolverão o bebê e sua família. Quando um bebê com problemas no desenvolvimento nasce, a possibilidade de a criança vir a falar pode não ser esperada, pois, nesse caso, a mãe (ou quem operar essa função) torna-se alheia às produções do bebê diante da impotência de vê-lo como sujeito de discurso.

A Síndrome de Down é um dos casos que merece atenção dos estudos da clínica da primeira infância. Uma das questões apontadas por Jerusalinsky (2007) é que a redução da criança a uma problemática orgânica pode colocá-la no campo do incurável. O nascimento de um bebê com Síndrome de Down pode ocasionar um impacto tão profundo aos pais que, paralisados pela dificuldade em ouvir o filho, levam a limitações de linguagem que ultrapassem o diagnóstico orgânico.

Tendo em vista as diferentes perspectivas em que a cena clínica precisa ser considerada, é necessário buscar a linha que costure os diferentes tecidos. Considerando a múltipla filiação da fonaudiologia, é possível compreender a terapêutica da linguagem como uma clínica interdisciplinar por excelência. A profissão de fonoaudiólogo parece então buscar o diálogo com outras áreas do conhecimento para construir sua base teórica. Um interlocutor bastante promissor situa-se no campo dos estudos da enunciação. A teoria dialógica do Círculo de Bakhtin mostra-se como um importante instrumento de análise para refletir a relação eu/outro na linguagem da criança com deficiência. É nesse sentido que o presente artigo busca respostas aos seus questionamentos, tanto na teoria bakhtiniana quanto na clínica de linguagem.

Considerações sobre a relação eu/outro pela teoria bakhtiniana

No segundo momento da discussão teórica, busca-se introduzir conceitos relacionados ao tema *dialogismo e linguagem*, de maneira a apresentar os aspectos que norteiam o estudo em questão. Para tanto, serão abordados temas vinculados às relações dialógicas, à *responsividade* do discurso e à imagem de autor, finalizando com considerações sobre a relação eu/outro na linguagem.

É importante salientar que as *relações dialógicas* são relações semânticas entre enunciados, não existindo no sistema da língua: as relações dessa ordem, abordadas pela linguística formal, ocorrem apenas entre os elementos de seu sistema (BAKHTIN, 2010). No enunciado, as *relações dialógicas* se confrontam, tensionadas em um plano de sentido. São as opiniões e visões de mundo em interação no discurso. Ao enunciar, o locutor endereça seu dizer à imagem que constrói do interlocutor e espera uma resposta. Os signos, para Bakhtin (Volochínov) (2009), fazem parte da realidade, visto que as relações do homem com o mundo são semioticamente mediadas, mas também refletem e refratam a realidade, pois se referem a algo que está fora deles.

Ao abordar o conceito de dialogismo em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin (Volochínov) (2009) afirma que qualquer enunciação é uma resposta a algo. A enunciação é orientada em função do interlocutor e é socialmente dirigida desde as primeiras palavras do locutor. O autor lembra que “mesmo os gritos do recém-nascido são orientados para a mãe” (p.119). O *dialogismo* é considerado por Bakhtin (Volochínov) (2009) um dos elementos constitutivos da linguagem, pois os sentidos que compõe a palavra estão sempre em relação. A interação verbal (entre os sentidos em constante tensão) é entendida, então, como a realidade fundamental da língua, concepção bakhtiniana que vai além do diálogo face a face. Dada sua complexidade, o objeto de investigação bakhtiniana mostra-se de ordem extralinguística, por isso não poderia ser estudado pela linguística tradicional.

Para a teoria bakhtiniana, o diálogo é concreto, nunca abstrato: todo enunciado é de natureza responsiva e social. Assim como o enunciado vivo, sua compreensão também é de natureza ativamente responsiva, ou seja, toda fala é uma resposta à outra que a antecedeu. O pensador entende que nosso discurso é pleno de palavras dos outros,

as quais trazem sua própria expressão e seu tom valorativo. Contudo, existe uma reelaboração e reacentuação pelo locutor que incorpora tais palavras, sendo essas de modo algum indiferentes ao enunciado que as incorporou.

No ato enunciativo é criada uma imagem de interlocutor, uma representação que orientará os sentidos do discurso. Para Bakhtin (2010), tal orientação existe devido à natureza dialógica do discurso, pois o enunciado interage com o *discurso de outrem* no(s) percurso(s) para chegar ao objeto. O autor ainda destaca o *endereçamento* do enunciado como traço constitutivo do discurso. O termo corresponde ao direcionamento que o locutor realiza para outra pessoa ao enunciar. Bakhtin (ibid.) entende que, além do conceito de destinatário (considerado o segundo), o locutor propõe um terceiro ao enunciar, que chama de *supradestinatário superior*, o qual recebe diversas expressões ideológicas concretas. O terceiro situa-se acima dos demais participantes e se caracteriza como uma instância superior e, assim como os demais elementos, é constitutivo do enunciado.

A linguagem é, em todos os seus momentos históricos, pluridiscursiva, fato que se deve à existência simultânea de diferentes vozes. A palavra torna-se, então, impregnada de intenções alheias, as quais evocam contextos que perpassam sua vida. O discurso, com sua natureza responsiva, nunca é proferido pela primeira vez, pois já foi dito pelos lábios de outrem. Bakhtin (2010) argumenta que o locutor não pode ser considerado um Adão bíblico diante de objetos virgens e sem nome, os quais nomeia pela primeira vez. Assim, mesmo que não de maneira evidente, o enunciado sempre possui algum grau de *alteridade*.

Como já mencionado, o locutor reacentua e dialoga com vozes alheias. A *atitude valorativa* em relação ao objeto de discurso já é trazida de certa forma por Bakhtin desde *Para uma filosofia do ato*, cujo esboço foi escrito no início da década de 1920. No texto, a *atitude valorativa* (ou *entonação expressiva*) em relação ao objeto aparece desde o momento em que se começa a falar do objeto. A palavra viva requer uma atitude interessada, participativa, por isso exige minha *entonação* em relação ao objeto de discurso (BAKHTIN, 1993). O ato, ou seja, o que é experimentado possui um *tom emocional-volitivo*, pois tudo que se relaciona com o sujeito é dado a ele como um momento constituinte do evento do qual o indivíduo participa.

Na discussão sobre a reacentuação da palavra alheia do texto *Discurso na vida, discurso na arte*, a entoação é entendida por Voloshinov/Bakhtin (1976) como um ato social, tendo em vista sua avaliação de outro ponto de vista, o que leva qualquer ato a ser orientado para o(s) interlocutor(es). Mesmo na autoavaliação o sujeito avalia a si mesmo por meio de outro ponto de vista. A questão da *alteridade* também aparece em alguns momentos do texto *O corpo como valor: o corpo interior* (do capítulo *A forma espacial da personagem* de *Estética da criação verbal* (2010)) de forma que permite refletir sobre a instauração da criança na linguagem. Bakhtin (2010) trata da inscrição de valores maternos para o sujeito, afirmando que a vida biológica do organismo somente se torna um valor pela simpatia que o outro materno lhe demonstra. A imagem do sujeito é esculpida pelo reconhecimento do outro, o que corresponde inicialmente às pessoas mais íntimas, como a mãe. Segundo o pensador, “[...] dos lábios da mãe e de pessoas íntimas a criança recebe todas as definições iniciais de si mesma.” (ibid., p.46). Assim, é possível entender que a vida do bebê é colocada em um novo contexto de valores, fato que lhe permite a inscrição subjetiva. Portanto, a imagem de locutor que a criança constrói é, em grande parte, enformada axiologicamente pelo dizer do outro materno.

O texto bakhtiniano mostra a importância das primeiras relações sociais na representação interior que a criança elabora de si mesma, questão que contribui para nosso objeto de estudo. A partir de tais reflexões, será apresentada a metodologia utilizada no estudo em questão.

Considerações Metodológicas

O caso selecionado para discussão refere-se a um menino de cinco anos, designado nesta pesquisa como Artur e cujo nome é abreviado como ART, que estuda em uma escola regular de educação infantil e recebe atendimento fonoaudiológico semanal em uma instituição pública. Os familiares do sujeito em tratamento (mãe e irmã) foram filmados em uma situação informal de diálogo com a criança durante encontros mensais ocorridos em 2011. Dos registros, foram eleitas cenas para ilustrar a presente discussão.

A pesquisa, apoiada nos fundamentos bakhtinianos, demanda uma orientação que contemple a singularidade do ato associada à constituição do enunciado na relação com o outro. Nas transcrições do trabalho em questão, optou-se por marcar, entre parênteses, os aspectos não verbais produzidos nas cenas de interação adulto - criança. O material de investigação, que contempla a manifestação clínica da linguagem na relação com o interlocutor, leva a considerar as especificidades de um enunciado que se desvia do padrão e de seu efeito na interação com o adulto de referência. Por isso, optou-se por registrar os segmentos aparentemente ininteligíveis da criança, descrevendo o contexto do ato para promover-lhe sentidos e evitando suposições sobre cada produção verbal. Não se pode ignorar que a totalidade do dizer sempre escapa ao transcritor, o que lhe impede de contemplar toda cena. Tal questão nos leva a marcar com parênteses vazios a maioria dos momentos de incompreensão do enunciado, conforme o padrão sugerido pelas normas do projeto NURC (2000). Respeitando os limites de possibilidade de transcrever, é possível contar com um material relevante para a análise.

A análise recorre ao princípio que considera o sujeito discursivo como produtor de enunciados únicos e sempre na relação com o outro. O discurso aqui é tomado como uma expressão concreta e viva da língua, construído numa relação de intersubjetividade com o interlocutor. As etapas seguem os princípios da teoria dialógica do Círculo de Bakhtin, levando em conta as questões discutidas na revisão teórica e os objetivos da investigação, quais sejam: como objetivo geral, visa-se analisar a relação eu/outro na interação entre uma criança com deficiência e familiares (mãe e irmã); como objetivos específicos, busca-se (i) verificar o favorecimento ou não das potencialidades de linguagem da criança nas cenas de interação com familiares, bem como (ii) investigar imagens de sujeito discursivo construídas sobre a criança pelo discurso de familiares.

Reflexões sobre os recortes da análise

Com o intuito de discutir o primeiro objetivo (verificar o favorecimento ou não das potencialidades de linguagem da criança nas cenas de interação com familiares),

será apresentado a seguir um breve recorte do discurso da mãe (que chamamos de Valquíria) sobre a criança, para a discussão:

Cena 1:

E1.VAL: Acidente... sabe Fer. Ele pega dois carrinho e bate um no outro.
E2.FER: ãha.
E3.VAL: Aí ele quer que ligue prá Samu e faz “uuu”. Prá socorrer.
E4.FER: Ah é Art? {Bate o carro?
E5.VAL: {Ele finge que tá machucado... que não pode caminhá. Não consegue erguer uma perna (prá) mancá.

No trecho anterior, Valquíria procura destacar a evolução clínica de Artur, porém apresenta acentos de valor em seu discurso que introduzem sua voz angustiada quanto às possibilidades de o menino vir a ser um locutor bem sucedido e representar sua família nos diferentes espaços sociais. Em alguns momentos (como em E3: “*Aí ele quer que ligue prá Samu e faz “uuu”. Prá socorrer.*”) faz questão de ressaltar o que a criança já sabe produzir, como respondendo a uma indagação clínica sobre o potencial infantil. Tais enunciados sugerem um *endereço* do discurso materno para um *supradestinatário* terapeuta (tendo em vista que o registro era realizado por uma fonoaudióloga), que avalia as mudanças do menino-paciente.

No diálogo da cena 1, é possível observar a atenuação das fronteiras do discurso materno em relação ao discurso clínico. A interação entre os discursos salienta-se nas tentativas de descrição diagnóstica da produção verbal infantil, que parecem dialogar com a necessidade de Valquíria destacar as conquistas do filho, mostrando o sucesso infantil ao brincar e ao enunciar. Ao mesmo tempo em que valoriza as produções da criança, a mãe parece perguntar se elas estão adequadas para o que seria esperado. O tom de insegurança materno em relação à capacidade discursiva de Artur salienta-se no momento que a pesquisadora indaga o menino em E4 (“*Ah é Art? {Bate o carro?}*”) e Valquíria não consegue aguardar a resposta do menino, respondendo por ele em E5 (“*{Ele finge que tá machucado... que não pode caminhá. Não consegue erguer uma perna (prá) mancá.}*”), antes mesmo que a pergunta fosse finalizada.

Na arena de vozes do discurso materno, o discurso sobre Artur produz novos sentidos: surgem tons que evocam as questões clínicas, as quais dialogam com a preocupação de Valquíria sobre a evolução do menino e o que é possível fazer para promovê-la. Tais vozes podem favorecer ou não as potencialidades de linguagem de Artur, variando de acordo com a representação de locutor que dele é construída. Segundo a teoria bakhtiniana, é possível entender que a luta entre diferentes ideologias constitui os sentidos do discurso (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009). Para Bakhtin (Volochninov), a palavra é considerada a maneira mais pura de relação social, pois é na linguagem que se materializam as formas da comunicação social. As diferentes ideologias a respeito da pessoa com deficiência são refletidas e refratadas no discurso materno, que dialoga com tais representações. Dessa forma, no interior do texto, percebe-se uma pluralidade de vozes: heteroglossia fundamental ao enunciado vivo e em constante renovação.

No que se refere ao segundo objetivo (investigar imagens de sujeito discursivo construídas sobre a criança pelo discurso de familiares), trazemos um trecho sobre o discurso materno dirigido à criança:

Cena 2:

E1. VAL: Oi Art. ()
E2. ART: ((continua dirigindo))
E3. VAL: Esqueceu de dá oi?
E4. ART: ((vai em direção à casinha))
E5. VAL: ART... vai me dá oi filho?
E6. ART: ((continua dirigindo))

Na segunda cena, é possível observar as numerosas tentativas de Valquíria fazer o filho falar. As convocações insistentes da mãe para Artur responder são ignoradas pelo menino, que recusa as propostas e ignora os pedidos da mãe de cumprimentá-la em E2, fato que se repete em E4 e E6, após a mãe insistir no pedido. O dizer materno, que parece tentar falar pelo filho, dizendo o que ele deveria enunciar (E12 (“*Oi Art. ()*”), E14 (“*Esqueceu de dá oi?*”), E16 (“*ART... vai me dá oi filho?*”)), em uma tentativa de esconder (mostrar?) sua “alteração” de linguagem, é recusada por Artur, que a ignora.

Os tons de angústia no dizer de Valquíria, tão temerosos pelo fracasso diante do observador, entrelaçam-se ao dizer materno na insistência em mostrar que o filho sabe falar.

O plurilinguismo do discurso materno permite observar o diálogo entre vozes que oscilam entre o desejo de demonstrar a preocupação frente à dificuldade linguística do menino e a necessidade de apontar uma imagem de êxito do representante de sua família naquele espaço em que sua linguagem está sendo observada. A luta entre as *forças centrípetas* que evocam instâncias superiores (como as que diagnosticam a linguagem de Artur ou as que lhe ensinam ou reabilitam) e *forças centrífugas* (que questionam e temem o “problema” de linguagem) aparece de forma viva e em constante interação no dizer materno.

Em relação à responsividade do enunciado, percebemos que o discurso materno dirigido à criança dialoga não apenas com o filho, mas com vozes sociais que da interação com ele emergem. A expectativa da clínica e da sociedade de um modo geral leva a mãe de Artur a interrogar o desempenho do menino como locutor, questionando a criança a fim de mostrar o discurso infantil. As demandas de Valquíria para que o filho fale parecem novamente perguntar à pesquisadora-fonoaudióloga como Artur está. O contexto da filmagem também provoca a cena terapêutica, na qual a mãe insegura prefere justificar a ausência do dizer infantil do que arriscar-se a vê-lo falhar (como E3: “*Esqueceu de dá oi?*”). Submetido às respostas maternas, a Artur resta somente o silêncio. A linguagem da criança parece colocada como objeto de estudo do observador, em momentos em que a mãe convoca a voz ausente do fonoaudiólogo. Todavia, Artur mostra tentativas de sustentar seu lugar no diálogo (E2, E4 e E6), mesmo que de forma não verbal e em momentos que seu espaço como locutor não é assegurado pela mãe. Ainda assim, a manifestação clínica de linguagem que Artur apresenta (um importante atraso na linguagem expressiva) evidencia as implicações das eventuais dificuldades maternas em percebê-lo como interlocutor.

As respostas da criança (ou ausência delas) *refletem* a crença em suas (im)possibilidades de ser um sujeito falante, ao mesmo tempo em que *refratam* a realidade, reacentuando o discurso a partir da subjetivação de Artur. O menino atualiza em seus enunciados, mesmo os não-verbais, sua singularidade e sua perspectiva da realidade. A dialogização das vozes sociais, discutida por Bakhtin (2010), aparece no

discurso dirigido ao menino, quando a interação das vozes da clínica, do social e da fantasmática familiar compõe a fala materna. Tal discurso direciona-se, além do interlocutor, a uma instância chamada *supradestinatário superior* que, como já discutido, é um elemento constitutivo do enunciado, o qual recebe diferentes expressões ideológicas concretas. No caso em foco, observamos que o dizer materno responde a ideologias e a elas interroga, assim como os enunciados da criança que, dentro de suas possibilidades, também dialogam com as diferentes concepções acerca da imagem que lhe oferecem como locutor.

No discurso materno em análise, observamos um confronto de vozes que, ao direcionar-se ao interlocutor Artur, revela, seguindo a teoria dialógica (BAKHTIN, 2010), uma imagem discursiva do outro, cuja orientação constitui os sentidos do dizer. Assim, quando Valquíria endereça sua fala ao filho, constitui uma imagem dele como locutor. Como visto nos enunciados anteriores, diferentes tons de expectativa emergem no endereçamento à criança, que parecem paralisar as possibilidades maternas em perceber o filho com potencial enunciativo.

As relações dialógicas estabelecidas na constituição de sentidos no discurso familiar em questão apontam para uma incerteza quanto à instauração da criança com deficiência na linguagem, que soa ao lado de um desejo de aposta nas potencialidades do menino. Portanto, é possível constatar, na sequência de questionamentos maternos em E1, E3 e E5, uma imagem de insegurança quanto à capacidade de Artur enunciar, ainda que Valquíria busque justificar o silêncio do filho em E3.

Considerações finais

Na pesquisa do favorecimento ou não das potencialidades de linguagem de Artur nas cenas de interação com familiares é possível observar os diferentes pontos de vista que compõem o discurso familiar. No discurso sobre o menino, ressoam vozes não só da pesquisadora-fonoaudióloga, mas também vozes de caráter médico e terapêutico. Tais perspectivas são aceitas plenamente pelo discurso materno ao relatar as evoluções do menino. Na tentativa de reconhecer Artur como sujeito enunciativo, a mãe incorpora os atos não-verbais da comunicação infantil em suas palavras, atribuindo-lhe

significado. Entre as vozes que tanto temem (e esperam) o fracasso na linguagem da criança, ouvem-se alguns ecos de aposta no discurso materno.

A multiplicidade de línguas sociais acerca da manifestação clínica de linguagem conduz a diferentes entendimentos: no discurso familiar sobre Artur, as concepções clínica e cognitivista aparecem como generalizadoras, que esperam a linguagem de acordo com parâmetros de normalidade. Em tais momentos, a singularidade do discurso infantil é esquecida. A distância entre o menino com Síndrome de Down e a criança idealizada, correspondente aos “padrões”, parece impor dificuldades na suposição da capacidade enunciativa de Artur.

As relações dialógicas do discurso familiar dirigido à criança retomam a ambivalência sobre o que esperar da linguagem do menino. A mãe parece assumir o tom clínico-terapêutico, incorporando-o ao seu discurso. Assim, a voz ausente do fonoaudiólogo se presentifica no discurso materno, que o convoca constantemente. A atitude valorativa coloca muitas vezes a manifestação clínica de linguagem como patológica: o dizer infantil é então tomado como doença a ser tratada. Todavia, o tom emocional-volitivo do enunciado familiar dirigido a Artur oscila entre a concepção de anormalidade e a peculiaridade do discurso do sujeito em tratamento.

O discurso familiar fala sobre o menino em uma tentativa de responder aos apelos sociais que questionam a linguagem da criança como objeto a ser tratado na clínica. A pergunta do clínico acerca da linguagem de Artur parece angustiar a mãe, o que mobiliza a maior parte dos enunciados da pesquisa. A ciência de que o discurso da criança na interação com a família é o objeto de investigação leva Valquíria a um esforço em apresentar o menino como um locutor bem sucedido, que atenda às expectativas da sociedade. O dizer familiar reflete e refrata as diferentes representações sociais da criança com deficiência, em um conflito de vozes que oscilam desde um assujeitamento do dizer infantil aos discursos de instâncias superiores (médicas, institucionais, assistenciais) até uma perspectiva de êxito do pequeno locutor como representante da família.

Os enunciados maternos, assim, refletem e refratam a pluralidade de vozes sociais que contam a história da pessoa com deficiência, desde a ideia de desvalimento e

exclusão social, até ações de inclusão e protagonismo do sujeito em tratamento. No discurso materno, assim como em qualquer signo ideológico, entram em conflito índices de valor contraditórios (BAKHTIN (VOLOCHÍNOV), 2009): o fantasma de um longo período de isolamento e preconceito ecoa ao lado da luta pela busca de identidade da pessoa com deficiência.

As imagens de sujeito discursivo também são reveladas nas interações entre a criança e sua mãe. As tentativas maternas de fazer Artur falar parecem encobrir o temor de um possível fracasso, em um movimento que sugere descrença no potencial do menino como locutor. O discurso familiar coloca a criança submetida ao que o outro diz dela, apontando para uma representação de incapacidade, historicamente relacionada à pessoa com deficiência. No momento em que a mãe responde no lugar do filho que, dentro de suas possibilidades, poderia fazer-se entender, ela não supõe tal capacidade de comunicação no menino.

Os insistentes esforços de a família fazer Artur falar apontam esperança em apresentar a criança como locutor competente, talvez em resposta às vozes sociais que pouco esperam da criança com deficiência. A imagem do destinatário infantil é construída em resposta a tais pontos de vista, que avaliam a linguagem ou esperam que a criança fale aos cinco anos de idade. No encaminhamento do enunciado ao interlocutor, talvez Valquíria questione o *supradestinatário*, o espectador por trás da câmera, se estão sendo bem sucedidas no diálogo com Artur. A enunciação ocorre a partir da imagem que a família elaborou do menino como interlocutor, em uma representação composta pelos ecos das vozes sociais sobre a pessoa com deficiência e a manifestação clínica de linguagem.

Talvez a voz do fonoaudiólogo, ao presentificar-se na cena de atendimento, possa mostrar uma perspectiva de Artur como locutor. Uma fonoterapia que considera a enunciação percebe as possibilidades de linguagem da criança, capacidades muitas vezes mascaradas pelo rótulo da deficiência. Assim, o tom de aposta pode compor o discurso familiar sobre e dirigido ao sujeito em tratamento. No entanto, também é necessário considerar os limites que a patologia orgânica impõe, pois uma expectativa demasiada da família pode ocasionar um bombardeio de estímulos para que a criança fale e, conseqüentemente, uma grande frustração por uma cura que nunca chegará.

A pluralidade de vozes na história da fonoaudiologia encontra na teoria bakhtiniana um interlocutor capaz de iluminar novas trajetórias na procura de respostas acerca da manifestação clínica de linguagem. A discussão apresentada é uma pequena amostra da possibilidade de diálogo entre a fonoaudiologia e a teoria dialógica, cujas interações podem render frutos aos dois campos do conhecimento. As reflexões nascidas desse arranjo parecem promissoras na composição de uma nova e tensa harmonia.

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal* (1979). Trad. Paulo Bezerra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. (1920-1924). *Para uma filosofia do ato*. Trad. Carlos Alberto Faraco & Cristóvão Tezza de *Toward a Philosophy of the Act*. Austin: University of Texas Press, 1993. Tradução destinada ao uso acadêmico.

_____. (VOLOCHÍNOV, Valentin N.) *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (1929). 13ª ed. Trad.: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora HUCITEC, 2009.

_____/VOLOSHINOV, Valentin.N. *Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)* (1926). Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Circulação restrita. In: *Freudism*. Nova York: Academic Press, 1976.

BRASIL. Decreto legislativo n. 186, de 9 de julho de 2008. *Aprova o texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e de seu Protocolo Facultativo*, assinados em Nova Iorque, em 30 de março de 2007. Artigo 1º. Propósito. Disponível em: <<http://vademecumjuridico.blogspot.com/2008/11/decreto-legislativo-com-fora-de-emenda.html>>. Acesso em: 08 mar. 2011.

CESA, Carla. A influência da atividade dialógica no processo terapêutico. In: Danesi, M.C.; Pinto, B.L. (org.). *Fonoaudiologia e linguagem: teoria e prática lado a lado*. Porto Alegre: Editora Sulina; Editora Universitária Metodista, 2007. Cap.9.

DI FANTI, Maria da Glória C. *Vozes em (Dis)curso: estudo da produção de sentidos*. Projeto de pesquisa. Porto Alegre: PUCRS, 2010.

FLORES, Valdir do N. Benveniste e o sintoma de linguagem: a enunciação do homem na língua. In: *Letras n° 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos*. Santa Maria: PPGL/UFSM, 2007.

GUGEL, Maria A. *História da Pessoa com Deficiência. A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade*. Natal: Ampid - Associação Nacional dos Membros do Ministério Público de Defesa dos Direitos dos Idosos e Pessoas com Deficiência. Disponível em: <<http://www.ampid.org.br>> Acesso em 22 set. 2011.

JERUSALINSKY, Alfredo e col. *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 4ª ed., 2007.

JÚNIOR, Lana; MARTINS, Mário C. (Comp.). *História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil*. - Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

PIAGET, Jean. *A Construção do Real na Criança*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

REYNOSO, Roberto et al. *Psicopatologia y Clínica Infanto-Juvenil*. Buenos Aires: Editorial de Belgrano, 1980.

SILVA, Carmem L. da C. *A Criança na Linguagem: enunciação e aquisição*. Porto Alegre: Pontes Editores, 2009.

_____. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Tese de Doutorado (Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SURREAUX, Luiza M. O “efeito de transcrição” na escuta de falas desviantes: Uma leitura enunciativa. In: *Anais do SITED (Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso)* Porto Alegre: 2011. Acesso em <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/LuizaMilanoSurreaux.pdf>> Acesso em: 29 jul 2012.

ZIEMBOWICZ, Liliam A. B. Abordagem discursiva na síndrome do espectro autista: uma intervenção eficaz na prática fonoaudiológica. In: Danesi, M.C.; Pinto, B.L. (org.). *Fonoaudiologia e linguagem: teoria e prática lado a lado*. Porto Alegre: Editora Sulina; Editora Universitária Metodista, 2007. Cap.12.